

O CANTO DA SUELI: ANÁLISE DE UM DISCURSO DISSIDENTE EM LUTA ANTIMANICOMIAL

SUELI'S SINGING: ANALYSIS OF A DISSENTING DISCOURSE IN ANTI-ASYLUM STRUGGLE

EL CANTO DE SUELI: ANÁLISIS DE UN DISCURSO DISIDENTE EN LA LUCHA ANTIMANICOMIAL

Marildo de Oliveira Lopes (UFBA)

marildolopes@hotmail.com

Everaldo dos Santos Mendes (PUC-Rio/PUC Minas)

ies.istein@gmail.com

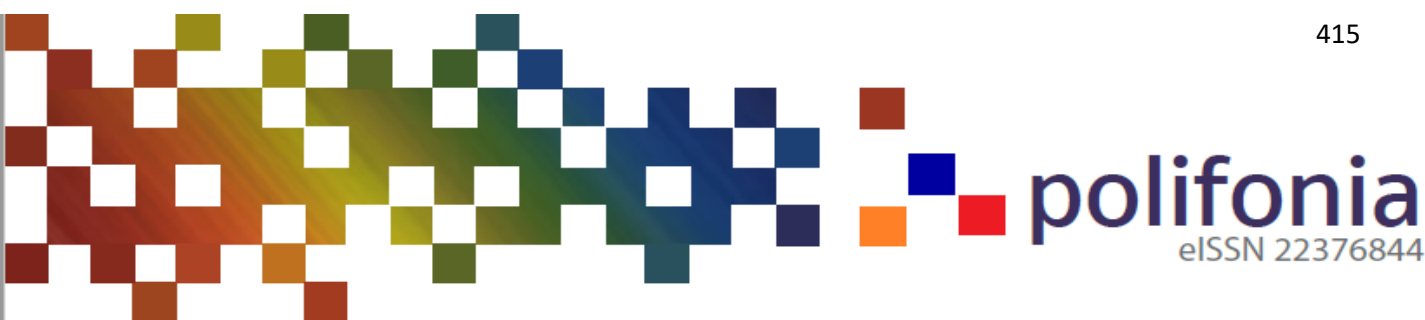
Resumo

Neste artigo, objetivamos investigar a maneira como a dissidência é materializada na tessitura textual-discursiva de um canto produzido por Sueli Rezende, paciente do Hospital Colônia de Barbacena (MG), instituição psiquiátrica estatal do século XIX. Partindo da análise sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, proposta por Teun A. van Dijk — perspectiva multidisciplinar que se ocupa em investigar formas de abuso de poder e dissidência — fazemos interlocuções com a discussão sobre as correlações de poder em Michel Foucault e com a luta antimanicomial cunhada por Franco Basaglia. Como orientação metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise interpretativista, na qual percorremos o seguinte caminho: (1) pré-análise do corpus, disponibilizado por Daniela Arbex (2013); (2) eleição das categorias definitivas do estudo; (3) análise detalhada dos dados. A investigação revela que o canto se configura como um discurso antipsiquiátrico que resiste a um poder abusivo, delineado em práticas institucionalizadas de violência no cotidiano hospitalar. Ele denuncia a falta de compaixão, o cárcere, a eliminação da espontaneidade, a exploração de mão-de-obra, a indignidade dos alimentos e o vigiar punitivo, como comprovam as marcas das seguintes categorias linguísticas: expressões referenciais, operadores argumentativos, elementos retóricos como a hipérbole e paralelismos, além dos conectivos que estabelecem coesão, progressão temática e coerência (local e global) no discurso. Concluímos que, no Colônia, mesmo em meio à opressão, o poder caminha *paripassu* com a resistência, *conditio sine qua non* para a mudança social.

Palavras-chave: Estudos Críticos do Discurso, poder-saber e resistência, reforma psiquiátrica.

Abstract

In this article, we aim to investigate the ways in which dissent is materialized in the textual-discursive structure of a song produced by Sueli Rezende, a patient at Hospital Colônia de Barbacena (MG), a 19th century State psychiatric institution. Starting from the socio-cognitive analysis of Critical Discourse Studies, proposed by Teun A. van Dijk — a multidisciplinary perspective that investigates forms of power abuse and dissent — we make interlocutions with the discussion about the correlations of power in Michel Foucault and with the anti-asylum struggle coined by Franco Basaglia. As a methodological guideline, it is



a qualitative research of interpretive analysis, in which we followed the following path: (1) pre-analysis of the corpus, which was provided by Daniela Arbex (2013); (2) election of the definitive categories of the study; (3) detailed analysis of the data. The investigation reveals that the singing is configured as an antipsychiatric discourse that resists an abusive power, outlined in institutionalized practices of violence in the hospital routine. It denounces the lack of compassion, the prison, the elimination of spontaneity, the exploitation of labor, the indignity of food and the punitive vigilance, as evidenced by the marks of the following linguistic categories: referential expressions, argumentative operators, rhetorical elements such as hyperbole and parallels, in addition to the connectives that establish cohesion, thematic progression and coherence (local and global) in the discourse. We conclude that, in Colônia, even in the midst of oppression, power goes *paripassu* with resistance, *conditio sine qua non* for social change.

Keywords: Critical Discourse Studies, power-knowledge and resistance, psychiatric reform.

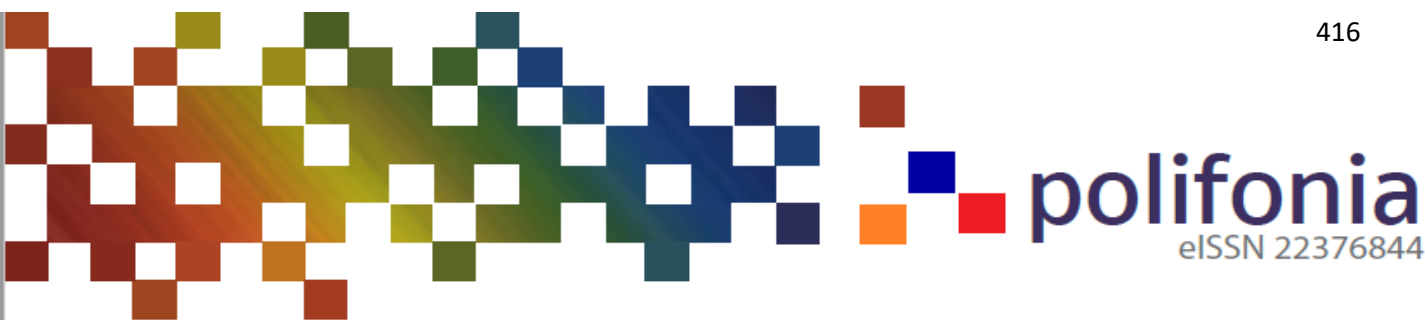
Resumen

En este artículo, nuestro objetivo es investigar la manera como la disidencia está materializada en el tejido textual discursivo de una canción producida por Sueli Rezende, una paciente del Hospital Colônia de Barbacena (MG), una institución psiquiátrica estatal del siglo XIX. Bajo el análisis sociocognitivo de los Estudios Críticos del Discurso, propuesto por Teun A. van Dijk — una perspectiva multidisciplinaria que investiga abuso de poder y disensión — hacemos interlocuciones con la discusión sobre las correlaciones de poder en Michel Foucault y con la lucha contra el asilo acuñada por Franco Basaglia. Desde el punto de vista metodológico, es una investigación cualitativa de análisis interpretativo, en la cual seguimos el camino a continuación: (1) pre-análisis del corpus, puesto a disposición por Daniela Arbex (2013); (2) elección de las categorías definitivas del estudio; (3) análisis detallado de los datos. La investigación revela que el canto está configurado como un discurso antipsiquiátrico que resiste a un poder abusivo, descrito en las prácticas institucionalizadas de violencia en la rutina del hospital. Denuncia la falta de compasión, la prisión, la eliminación de la espontaneidad, la explotación laboral, la indignidad de los alimentos y la vigilancia punitiva, como lo demuestran las marcas de las siguientes categorías lingüísticas: expresiones referenciales, operadores argumentativos, elementos retóricos, tales como hipérbolos y paralelos, además de los conectores que establecen cohesión, progresión temática y coherencia (local y global) en el discurso. Concluimos que, en Colônia, incluso bajo la opresión, el poder va *paripassu* con la resistencia, *condición sine qua non* para el cambio social.

Palabras clave: Estudios Críticos del Discurso, poder-conocimiento y resistencia, reforma psiquiátrica.

Introdução

Discurso é tanto instrumento de poder/contrapoder como uma maneira de (re)produção de poderes. Ele oprime, mas também resiste. Busca, por um lado, dominar e, por outro, libertar. Embora assimetrias de poder social sejam, muitas vezes legítimas, o problema está no abuso de poder. Grupos mais poderosos buscam a dominação por meio de discursos e práticas diversas. Por outro lado, os grupos dominados e oprimidos possuem, por sua vez, o poder da resistência, principalmente quando não estão em um panorama sociopolítico totalitário. Como bem apontou Foucault (2006), poder e



resistência estão em toda parte. O filósofo pensa o poder no âmbito de correlações de forças. Não existe um poder substancializado, um objeto possuído apenas por alguns. Diferente de teorizar o poder em si, o autor, em uma outra direção, debruça-se para pensar em *relações de poder*. Assim, não há, nessa acepção, um centro de poder opressor contra o qual não seja possível expressar manifestações de contrapoder.

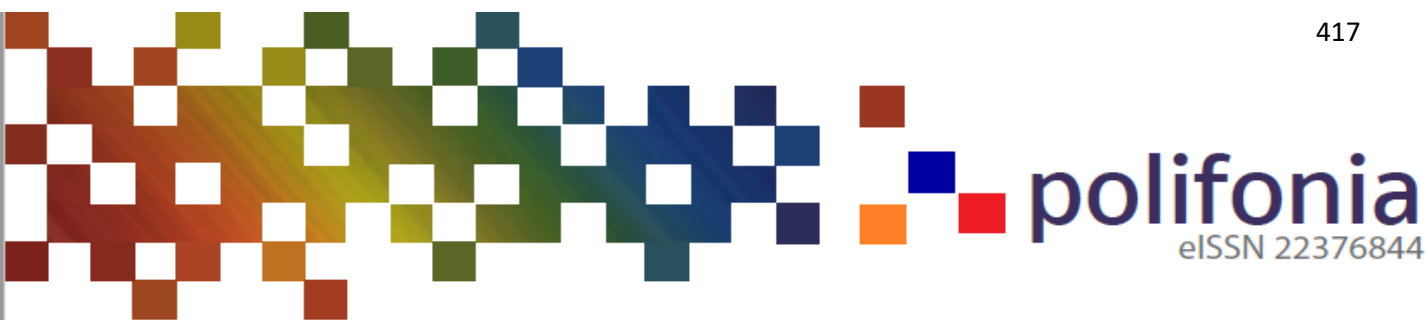
Para os Estudos Críticos do Discurso (doravante ECD), toda relação de opressão social é ilegítima. Nessa perspectiva, o modo como os discursos reproduzem desigualdade e injustiça é uma questão muito cara para essa abordagem investigativa. Outra dimensão possível e relevante é a análise de discursos de resistência. Os ECD, partindo de um problema social situado, em qualquer contexto societal/grupal/institucional, posicionam-se explicitamente em favor dos Direitos Humanos e da mudança social. Em estudos textualmente orientados, em diversos âmbitos políticos, religiosos, midiáticos, científicos, entre outros, busca-se pensar em alternativas para a promoção da dignidade da pessoa humana. Neste artigo, entra em cena o estudo de um discurso dissidente — uma canção composta por uma paciente do Hospital Psiquiátrico de Barbacena, ao qual nos referimos como *o canto da Sueli* — que põe em xeque a instituição psiquiátrica do século XIX.

Historicamente, a psiquiatria surgiu como um saber de libertação da pessoa humana. Philippe Pinel — o pai dela — libertou os “loucos” das prisões. Não obstante, depois de tê-los libertado, colocou-os em outra prisão: o manicômio (BASAGLIA, 1982).

Nas palavras do autor,

[...] começa assim o calvário do louco e ao mesmo tempo a grande fortuna do psiquiatra. Depois de Pinel, se nós olharmos toda história da psiquiatria, veremos que nela sobressaem nomes de grandes psiquiatras. No que se refere ao doente mental, só existem denominações ou rótulos, como histeria, esquizofrenia, mania, astenia, etc., etc... (BASAGLIA, 1982, p. 13).

No ano de 1903, o Hospital Colônia de Barbacena — a “prisão” denunciada no canto da Sueli — abriu as suas portas, com o apoio da Igreja Católica e da sociedade contemporânea (ARBEX, 2013, p. 31). Presente de grego, a instituição psiquiátrica — à letra, “o cemitério dos vivos” (BARRETO, 2017, p. 115) — surge na Serra da Mantiqueira, conferindo a Barbacena a perífrase de “cidade dos loucos”. Na barganha,

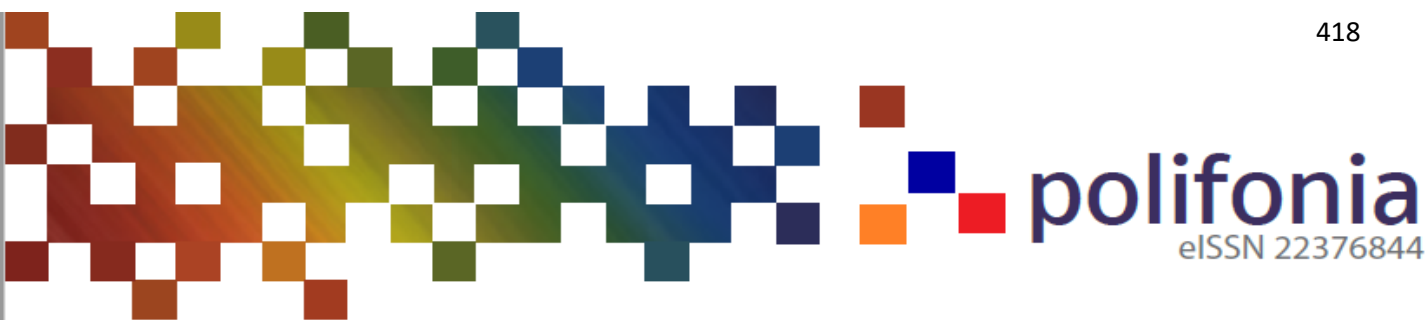


um prêmio de consolação, com fins de compensar a perda de Barbacena na disputa com Belo Horizonte para ser a capital do Estado de Minas Gerais, atendendo aos interesses políticos, econômicos e sociais — públicos, confessionais e particulares — do “comércio da loucura” (ARBEX, 2013). Nas suas origens, a instituição psiquiátrica não serve ao cidadão, mas sim ao Estado (BASAGLIA, 1982). “[...] Muitos coronéis da política mineira ‘nasceram’ junto com o Colônia, transformando o hospital em grande curral eleitoral” (ARBEX, 2013, p. 31). Nas interfaces entre letras (língua e cultura) e psicologia, assumimos a seguinte posição: ou eliminamos essas instituições ou as transformamos, “[...] para que se tornem úteis e respondam às necessidades do cidadão e não às do Estado” (BASAGLIA, 1982, p. 75).

No dia 18 de junho de 1979, numa conferência proferida no Instituto Sedes Sapientiae — Estado de São Paulo (Brasil) — intitulada “As técnicas psiquiátricas como instrumento de libertação ou de opressão”, Franco Basaglia — psiquiatra italiano pioneiro na luta antimanicomial, que inspirou a criação da Lei n.º 180, de 13 de maio de 1978, ainda vigente na Itália — disse que, tendencialmente, a psiquiatria é sempre opressiva: *um modo de propor uma problemática de controle social* (BASAGLIA, 1982).

Nós estamos plenamente conscientes de que quando rejeitamos a lógica do manicômio como lógica repressiva e destrutiva da pessoa humana — um eu consciente e livre, que possui um corpo-vivente (*Leibgestalt*), uma psique (*Seele*) e um espírito (*Geist*) (STEIN, 1999) — “doente”, estamos possibilitando uma mudança na vida básica do ser humano; conferimos ao indivíduo uma situação de vida normal: comer, com alimentos dignos sobre a mesa (e não arroz cru, feijão sem sal, macarrão ligado e banana podre); beber, água potável; dormir, em camas com colchão (e não amontoado no pátio de um manicômio); *ad infinitum*. Nas ciências e letras, expressamos o nosso *não* a uma vida de prisão, campo de concentração, exploração de mão de obra (que obriga o indivíduo a lavar o pátio de pé no chão) e, por fim, campo de extermínio — observadas “[...] as contradições que lhe são inerentes” (BASAGLIA, 1985, p. 9). Conforme mostram os dados na sessão de análise, essas condições de opressão eram comuns no Colônia.

Humanamente, damos e criamos uma pessoa que possa relacionar-se com outras pessoas, com empatia (*Einfühlung*): vivência *sui generis* de sentir a existência de outro



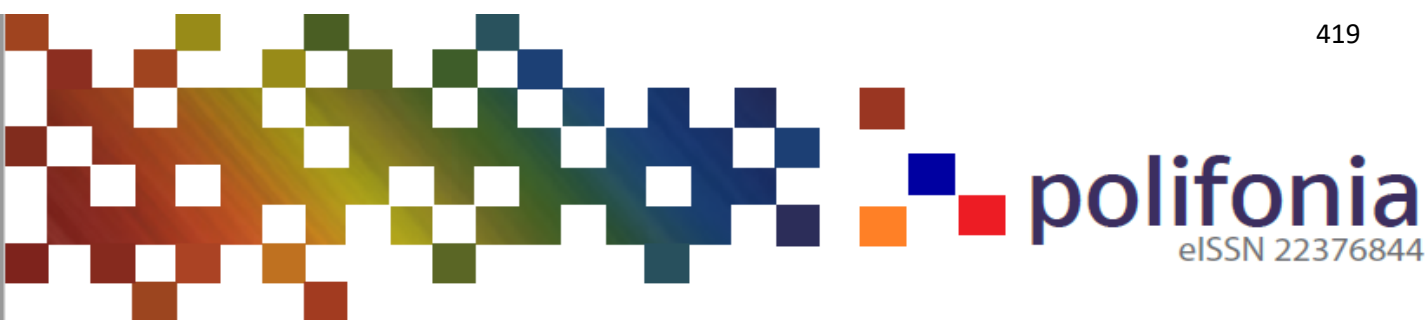
ser humano, singularmente considerado (MENDES, 2020). Não aquele bicho bruto, como o quer o Estado, mas um indivíduo esclarecido (quiçá, letrado) — consciente e livre —, que seja capaz de proferir a palavra, discutir. Por meio de uma mudança de vida, dar-lhe uma consciência plena de ser humano. Dito em poucas palavras: “Queremos mudar uma sociedade onde o assassinato é legítimo (BASAGLIA, 1982, p. 65).

No intuito de dar voz às mulheres — tantas outras Suelis — engajadas na luta pela reforma psiquiátrica no Estado brasileiro, deparamo-nos com Nise da Silveira — médica psiquiatra brasileira (alagoana) —, que inúmeras vezes, opondo-se ferozmente às práticas psiquiátricas, dirigiu-se aos estagiários de medicina dizendo-lhes para substituir os manuais de psiquiatria pela leitura dos escritos de Machado de Assis, onde encontrariam a alma humana investigada em espantosa profundidade (BEZERRA, 1995).

[Nise da Silveira] nunca foi complacente com os psiquiatras que teimavam no uso dos calmantes entorpecentes, para ela verdadeiras camisas-de-força químicas. Desmascarou os tão bem falados efeitos dos psicotrópicos que, na sua opinião, servem muito mais para o enriquecimento dos laboratórios internacionais do que para o processo de reconstrução da psique dilacerada. Constatou, por exemplo, que os remédios apenas encurtam o período de permanência no hospital, mas não diminuem o número de internações. E pregava com insistência que o objetivo do tratamento psiquiátrico não podia mais continuar sendo a transitória remoção de sintomas (BEZERRA, 1995, p. 165).

Não por acaso, Machado de Assis — no clássico *O Alienista* — escreve, magistralmente, o que seus olhos de longo alcance perceberam: “[...] a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas [...]” (ASSIS, 2007, p. 14).

Em vista do exposto, objetivamos investigar a maneira como a dissidência está materializada no discurso, um canto produzido por Sueli Aparecida Resende, uma paciente do Hospital Colônia de Barbacena — instituição psiquiátrica do Estado de Minas Gerais (Brasil) — no século XIX, à luz da análise sociocognitiva dos ECD. Exploramos categorias como expressões referenciais, operadores argumentativos e elementos retóricos, investigando seu funcionamento discursivo no corpus. Estabelecemos interlocuções com a discussão sobre as correlações de poder em Michel Foucault (2006) e com a luta antimanicomial cunhada por Franco Basaglia (1982; 1985). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise interpretativista, na qual percorremos o seguinte caminho:

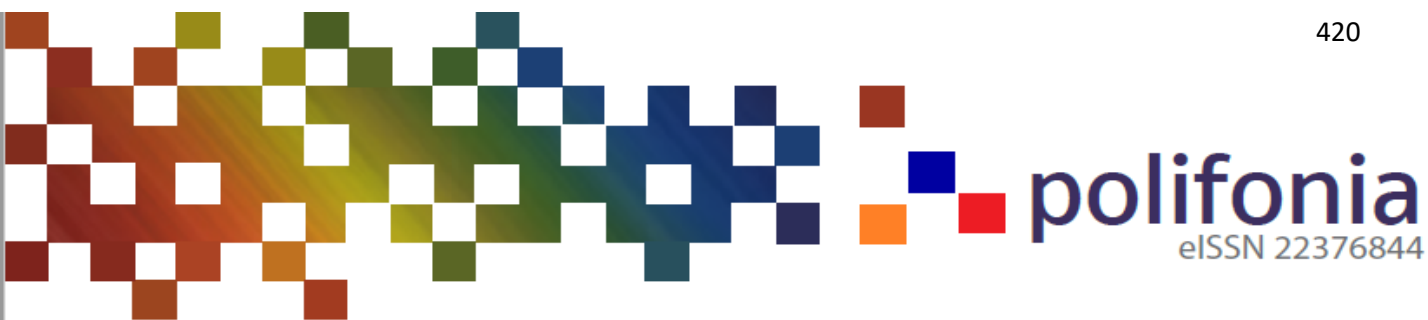


(1) pré-análise do corpus, disponibilizado por Arbex (2013); (2) Eleição das categorias definitivas do estudo; (4) análise detalhada dos dados.

1 Estudos Críticos do Discurso – ECD

Os ECD constituem uma abordagem teórico-metodológica multidisciplinar de investigação que se ocupa da (re)produção de abuso de poder no/pelo discurso. Essa abordagem é também conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise de Discurso Crítica (ADC). A partir dos anos 1990, o termo ECD passou a ser utilizado com maior frequência e, atualmente, é o que mais se encontra em uso. De acordo com van Dijk (2018), a terminologia Estudos Críticos do Discurso sugere uma maior abertura para a multidisciplinaridade, visto que não estamos falando em uma área ou disciplina teórica fechada que utilize metodologias fixas. Os ECD pretendem convocar uma diversidade de teorias e métodos de análise, a partir da natureza dos dados estudados e dos objetivos das investigações.

Os estudiosos em ECD, muito alinhados com ciências sociais críticas, partem de um posicionamento explícito. Sua dimensão crítica diz respeito ao seu engajamento com as pautas sociais alinhadas com os Direitos Humanos, com a equidade e com a justiça social. Nessa perspectiva, compreende-se que discurso é umas das práticas sociais. E, como tal, pode (re)produzir assimetrias de poder, abuso de poder, injustiças e desigualdades, nas quais grupos oprimem e dominam outros. Contudo, o discurso não é apenas um reflexo da realidade, mas, também, um instrumento de transformação social. As pesquisas em ECD são realizadas sempre na perspectiva dos grupos oprimidos e objetivam denunciar as situações concretas de humilhação de seres humanos, especialmente as perversidades (re)produzidas pelos diversos discursos que circulam socialmente. Busca-se compreender os modos como as instituições, grupos sociais (sobretudo os minoritarizados), são representados discursivamente, as estratégias discursivas de (re)produção dessas desigualdades ou, em um caminho oposto, ocupa-se em estudar os modos pelos quais resistências acontecem no/pelo discurso. Para os ECD,

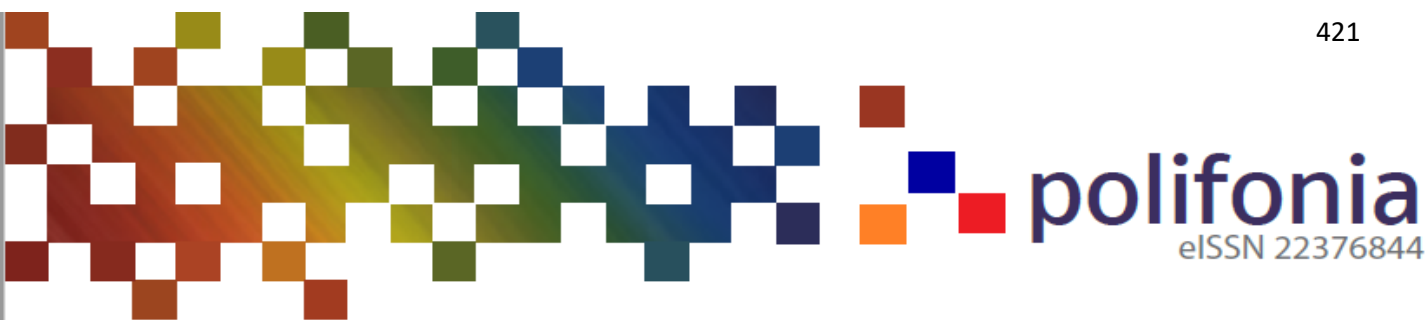


discurso é definido como toda e qualquer produção de linguagem humana, em textos orais, escritos, sonoros, imagéticos e multimodais (VAN DIJK, 2018).

Nessa abordagem, objetiva-se analisar a estrutura do discurso, em duas diferentes dimensões. A primeira é constituída pelo nível global ou macro, isto é, pelas características sociais, grupais e pelos significados globais dos textos. A segunda dimensão é o nível local ou micro do discurso, constituído tanto pelas propriedades situacionais e pragmáticas da interação discursiva concreta como pelas propriedades da superfície linguística propriamente dita — em seu nível oracional (morfológico, sintático, lexical ou semântico). Os ECD estudam as relações dessas duas dimensões com os modelos mentais individuais, conferindo atenção especial às ideologias compartilhadas sociocognitivamente (VAN DIJK, 2018).

Existe uma vasta bibliografia e uma diversidade de autores, modelos teóricos, conceitos, metodologias e modos de se realizar análises em ECD. Neste trabalho, utilizamos, como embasamento teórico-metodológico, os escritos de van Dijk (2018), para o qual há interfaces entre discurso, cognição e sociedade.

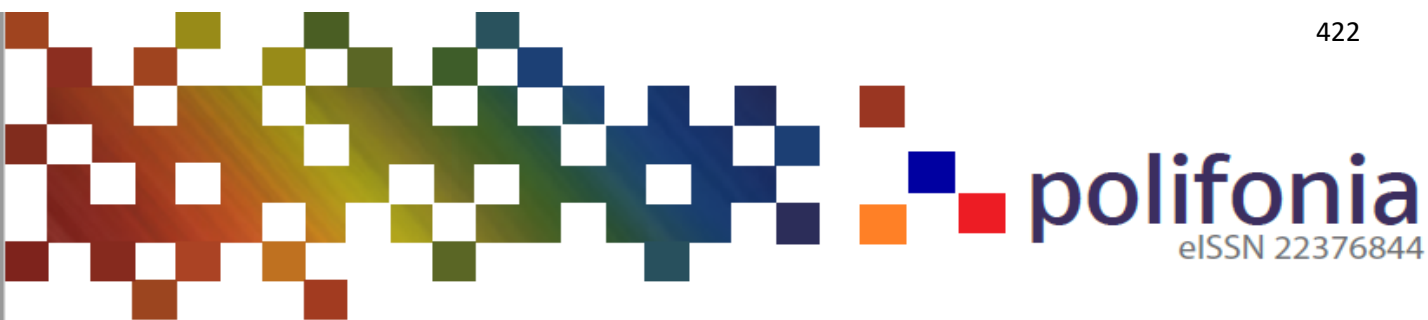
Segundo van Dijk (2018), poder está relacionado a controle social. Nossa investigação corrobora com essa noção de poder e destaca as ideias de Foucault (2006), para o qual poder, em primeiro lugar é microfísico, está em toda parte e, em segundo lugar, poder e resistência não são instâncias polarizadas. Não há um polo de poder e outro de resistência. Ao contrário disso, toda correlação de forças é instanciada por poderes. No entanto, a distribuição do poder não é igual para todos. Nas correlações de força, um grupo pode ser mais poderoso. É o caso da instituição psiquiátrica, que buscou legitimação do modo de tratar pessoas diagnosticadas com problemas mentais, por meio de poderes-saberes da Psiquiatria (discursos, conhecimentos e práticas desenvolvidos pela Medicina), a partir do século XIX. Esse poder-saber categorizou pessoas em normais ou anormais, sadias ou doentes, dignas ou indignas de viver. A esses indivíduos, restavam poucas opções de contestação desse poder supremo, que provocou sofrimento a muitos sujeitos, sobretudo antes da reforma psiquiátrica (que, felizmente, questionou o discurso científico as práticas do manicômio da instituição psiquiátrica vigente à época).



Para van Dijk (2018), há possibilidade de resistência a discursos manipuladores, nos quais são empregadas estratégias diversas para a geração de consenso sobre eles. O discurso não possui um poder totalitário em si, mas a sua compreensão e aceitação dependem de processos sociocognitivos diversos, especialmente de como os receptores processam e compreendem os textos. Isso quer dizer que a influência que o discurso exerce sobre as pessoas perpassam pelos seus conhecimentos, crenças, atitudes, objetivos, desejos etc. Os grupos com maior poder buscam legitimar seus discursos para que eles sejam aceitos mais facilmente e gerem menos resistência, como também lançam mão de estratégias e movimentos semânticos diversos que, geralmente, direcionam pessoas para a orientação ideológica do dominador.

Além dos poderes-saberes, a instituição psiquiátrica exerceu o biopoder — isto é, um poder de controle sobre a vida (e a morte) — sobre as populações e sobre as políticas populacionais de Estado (FOUCAULT, 1978-1979/2008), classificando pessoas, decidindo quem poderia viver normalmente no seio da sociedade e quem teria que ser excluído dele. O biopoder separou quem poderia usufruir da vida e quem era considerado um perigo a ela. Assim, as pessoas foram diagnosticadas como loucas por meio de métodos muito questionados atualmente, por meio de uma ciência que não respeitou suas singularidades. Essas pessoas também eram merecedoras de dignidade humana.

Historicamente, há uma tendência de se investigar, em ECD, discursos produzidos por grupos dominadores. No entanto, as análises de discursos dissidentes são igualmente relevantes. É preciso ressaltarmos que os ECD se ocupam, geralmente, em discutir a reprodução discursiva do abuso de poder social, instanciados em discursos produzidos por uma sociedade, um grupo social, uma instituição etc. Compreendemos, a partir de van Dijk (2018), que isso não significa que não existam poderes individuais. O sujeito é sociodiscursivamente constituído, é atravessado por processos de subjetivação, mas não é um sujeito totalmente passivo, imobilizado. O sujeito é atravessado por discursos, mas sua interpelação e aderência a eles perpassa um processo de compreensão individual (como temos dito), no qual o sujeito ativa sua cognição individual (seus modelos mentais). A dominação é mediada pela cognição. Isso abre a possibilidade de resistência aos discursos.



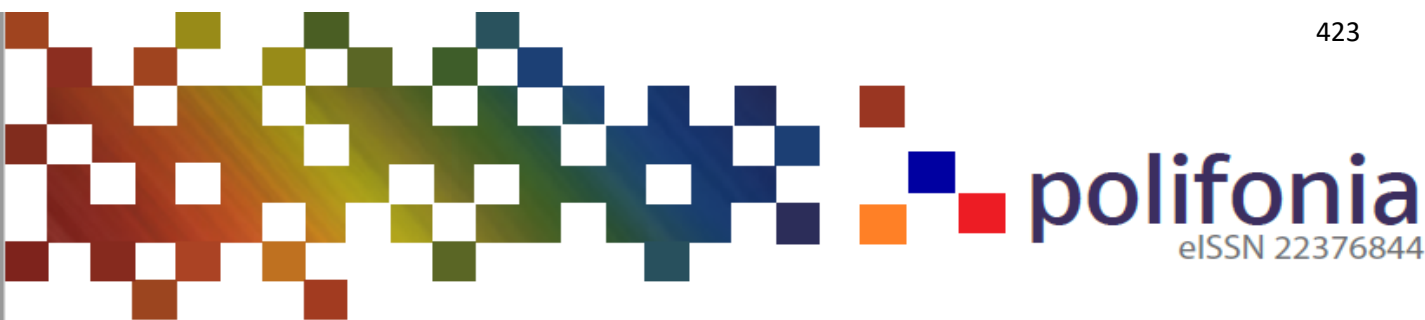
Vale ressaltar que os discursos sempre suscitam outros discursos. Isso nos remete aos postulados do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017), para o qual a compreensão do discurso do Outro já é uma dimensão dialógica da linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem suscita uma atitude responsiva do interlocutor. O Círculo desenvolveu um complexo conceito chamado de dialogismo, constituído das seguintes dimensões: a interação Eu-Tu, e a interação entre discursos (um discurso corrente que resgata discurso(s) anteriores ou um discurso corrente que suscita, no futuro, discurso(s) como resposta a ele). Isso coloca em cena um conceito de linguagem que é atravessada e orientada pelo horizonte social (VOLÓCHINOV, 2017).

Logo, esse conceito de linguagem supera a orientação filosófica chamada objetivismo abstrato, que influenciou as investigações de Ferdinand Saussure (2006), para o qual o mais importante era estudar a língua como um sistema abstrato de signos verbais e regras de combinação. Sistema este fechado em si mesmo marcado pelo monologismo. Ao contrário dessa visão, o Círculo de Bakhtin se inspirou em uma filosofia de linguagem que defende que a natureza da linguagem é marcada pelo social. Assim, O círculo compreende a palavra *enunciação* como *interação verbal entre sujeitos históricos*. O signo verbal nunca é neutro, mas carregado de ideologia, isto é, de índices sociais de valor (VOLÓCHINOV, 2017).

Nossa investigação dialoga com essa noção de ideologia, embora adote a noção de ideologia defendido por van Dijk (2018), para o qual ideologia significa: *formas de cognição social*: sistemas de conhecimento, valores, crenças, opiniões, atitudes, objetivos, desejos etc., que são socialmente compartilhados por uma sociedade ou por um grupo social. As ideologias são veiculadas em textos que as (re)produzem ou as contestam.

Como as investigações em ECD são textualmente orientadas, revisitamos os seguintes aportes teóricos que lançaram luz à análise de nosso corpus: algumas categorias da teoria da referenciação e os operadores argumentativos, que explicamos, sucintamente, a seguir.

De acordo com Cavalcante (2014), a referenciação é o processo de se referir a algo, de criar, apresentar ou retomar um objeto de discurso (e não um objeto de mundo),



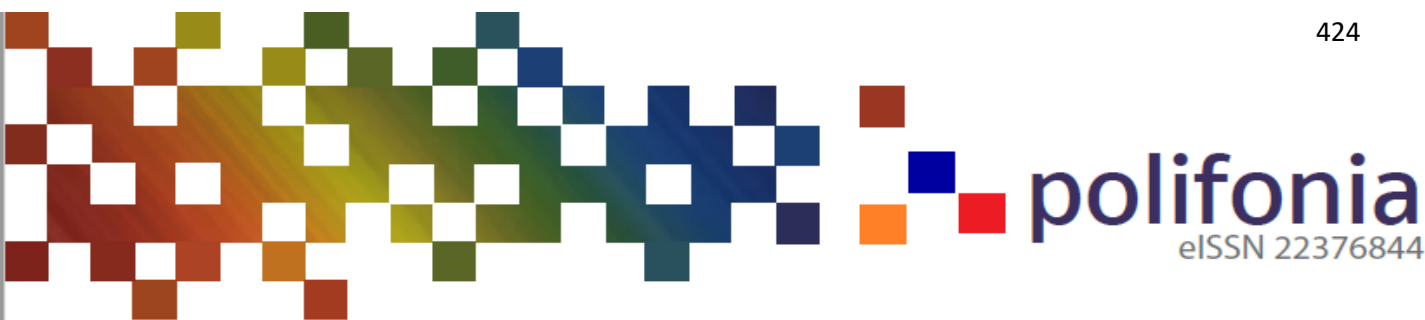
por meio do uso de expressões referenciais. Corroboramos com a autora, para a qual a referenciação possui um funcionamento discursivo basilar para a compreensão dos sentidos. Para Koch (2009), a referenciação, como atividade de construir objetos de discurso, é uma construção sociocognitiva que expressa nossas representações da “realidade”. Neste trabalho, destacamos duas categorias da referenciação, quais sejam: introdução referencial e recategorização anafórica.

Cavalcante (2014) explica que *introdução referencial* é a apresentação do referente no texto pela primeira vez. A partir daí, sua retomada por qualquer que seja a expressão referencial (um substantivo, um pronome, um adjetivo etc.), passa a ser uma anáfora. Essa categoria de elemento textual pode ser chamada de duas formas: (01) *anáfora direta ou anáfora correferencial*, que constitui uma retomada de um objeto já apresentado no *cotexto* e (02) *anáfora indireta ou anáfora associativa*, que é a retomada de um referente que não foi mencionado no *cotexto* mas que, por meio da compreensão sociocognitiva do *contexto* do discurso, ele pode ser inferido (APOTHELOZ, 2003).

Ainda como categoria de referenciação, temos a *recategorização anafórica*, que é o processo de renomear referentes, atribuindo-lhes novos vieses discursivos, axiológicos e ideológicos. Isso se materializa em itens lexicais avaliativos que podem produzir processos de compreensão de novos sentidos para o mesmo objeto, a partir da sociocognição e da intersubjetividade (CAVALCANTE, 2014).

Já o destaque que damos aos *operadores argumentativos* está embasado em Koch (2011), para a qual esses elementos possuem um funcionamento argumentativo de modo a construir sentidos no/pelo texto, perpassados por processos sociocognitivos. É importante ressaltar que essa visão é embasada em Ducrot (1987), que defende a tese de que a língua é possuidora de orientação argumentativa. Os operadores argumentativos, por serem elementos importantes para a compreensão do discurso, são também chamados de operadores discursivos. Estamos falando de itens lexicais, morfemas, conectivos, categorias gramaticais, cuja função é suscitar uma dada orientação argumentativa que é construída na interação verbal.

Tendo apresentado os pressupostos teóricos dos ECD que orientam a nossa investigação, os conceitos acerca do poder e abuso de poder, e algumas categorias textuais



que ganham ênfase na análise do nosso corpus, passamos à reflexão acerca da prisão, no Hospital Colônia de Barbacena, da autora do texto que analisamos, a Sueli.

2 A prisão da Sueli

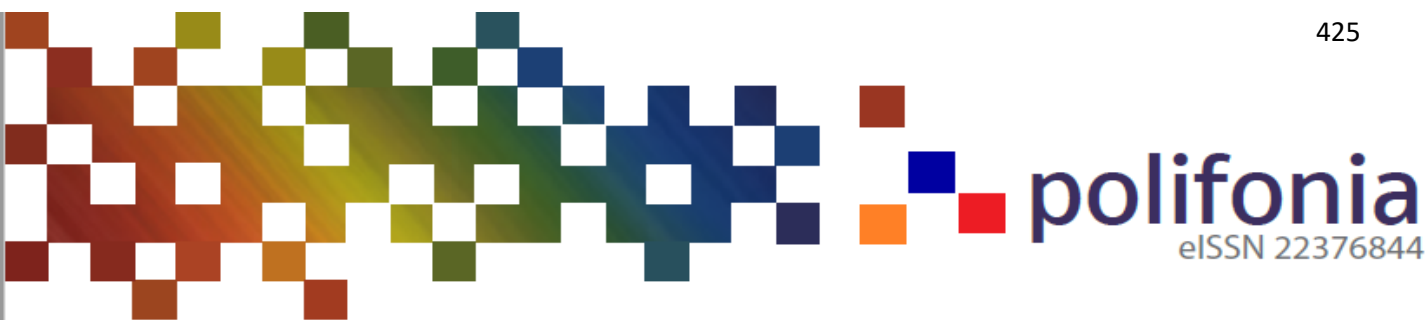
No Hospital Colônia de Barbacena, ouviu-se o grito de um funcionário: “— Está chegando mais um ‘trem de doido’ [...]” (ARBEX, 2013, p. 26). Os “deserdados sociais” ali chegavam abarrotados nos vagões de carga dos trens “de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz (ARBEX, 2013, p. 27).

No conto de 1962 — *Sorôco, sua mãe, sua filha* — João Guimarães Rosa descortina a verdade da psiquiatria (a quem o Estado conferiu o estatuto da loucura): “[...] isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais [...]” (ROSA, 1962, p. 12). No caso de uma instituição total da espécie de um hospital psiquiátrico, o indivíduo, logo que internado, é definido como “doente” — e todas as suas ações, participações e reações são interpretadas e explicadas em termos de patologia (BASAGLIA, 1985).

[...] Durante muitos anos o doente mental foi — e ainda é — aquele a quem se pode oprimir brutalmente: um cidadão privado de seus direitos. É aquele a quem se pode privar da sua liberdade pessoal, de seus pertences, de suas relações humanas, durante um tempo indeterminado — e que se pergunta, desanimado: “Que é que eu fiz de mal?” É aquele que infringiu uma norma. Um “desviado”. Durante anos e anos a psiquiatria descabelou-se para construir em volta dele um castelo de critérios e de rótulos, construindo-se ela mesma, em relação a ele, como uma norma [...] (BASAGLIA, 1985, p. 176).

Perguntamo-nos, angustiados: E como não passarmos do excluído ao excludente? No manicômio, a vida institucional se baseia sobre a negação de valores aprioristicamente definida, para o internado, que é considerado irreversivelmente objetivado pela doença — o que justifica, no plano prático-institucional, a relação objetivante com ele instaurada (BASAGLIA, 1985).

Do ponto de vista histórico, os manicômios — instituições da violência (BASAGLIA, 1985) — nasceram no momento em que o mundo mudava e um novo humanismo nascia. No dizer de Basaglia, “[...] a ciência do homem nasce depois da



Revolução Francesa, quando a razão é igualada à fraternidade [...]” (BASAGLIA, 1982, p. 45). Para ser civilizada, uma sociedade deve ser racional. Pensando deste modo, tudo o que era irracional deve ser controlado pela razão. Na história da humanidade, é assim que nasce uma instituição racional como o manicômio, *que contém a irracionalidade* (BASAGLIA, 1982). O autor destaca que, para os opressores, uma pessoa “louca” se torna normal no momento em que está internada — detida — no manicômio. Na perspectiva discursiva,

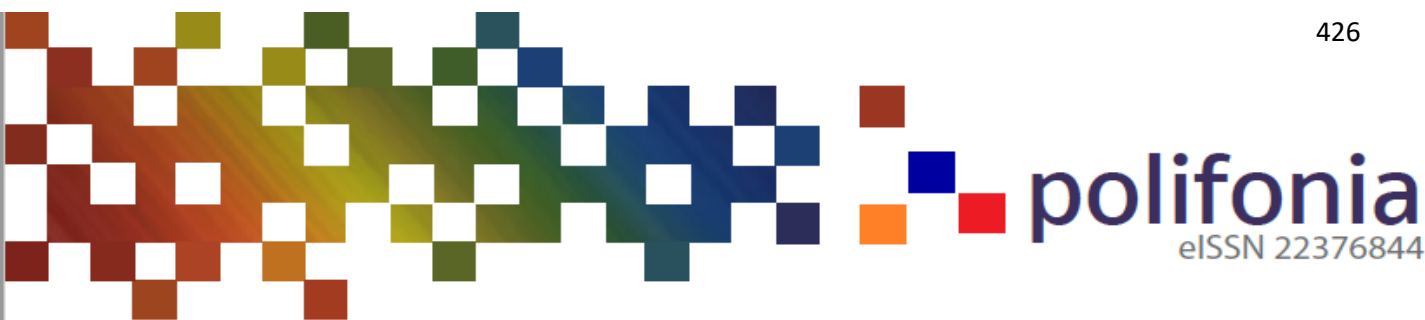
[...] “louco”, “doido” são palavras abstratas. Mas quando se diz “doente mental” torna-se concreta e é aceita no mundo em que se vive. Quando se diz “esquizofrênico” é mais aceita ainda. E a casa do doente mental, do esquizofrênico, é o manicômio. Isto é, é o lugar que possibilita sua aceitação pela sociedade racional (BASAGLIA, 1982, p. 45).

Paralelamente, deparamo-nos com uma outra instituição — similar ao manicômio — que torna um indivíduo aceito: a prisão. Inevitavelmente, convencionou-se que o indivíduo que fica fora da lei é criminoso. No seio da sociedade racionalizada, convencionou-se que o indivíduo criminoso — “o homem delinquente” (LOMBROSO, 2016) — para ser aceito socialmente deve ser mantido encarcerado. Na prisão, a finalidade — identificada em todos os Estados do mundo — é a reabilitação do preso. Por outro lado, no manicômio, a finalidade é a cura do doente mental (BASAGLIA, 1982).

Sobre o exposto, o autor diz:

[...] Penso que cada um de nós sorri ironicamente quando se diz que a prisão e o manicômio têm como objetivos a reabilitação dos seus “hóspedes”. Isso não é absolutamente verdade porque tanto o manicômio quanto a prisão são instituições do Estado que servem para manter limites aos desvios humanos, para marginalizar o que está excluído da sociedade [...] (BASAGLIA, 1982, p. 45).

Na realidade institucional, revelou-se extremamente difícil identificarmos com precisão o que é a “marginalidade”, o que é a “doença mental”, como foi difícil compreender a presença do indivíduo nestas instituições da violência (BASAGLIA, 1985). Nos escritos do médico psiquiatra italiano, manicômio e prisão são situações intercambiáveis: “[...] podemos tomar um preso e colocá-lo no manicômio ou tomar um louco e mantê-lo na prisão” (BASAGLIA, 1982, p. 45).



No século XX, pelo menos 60 mil indivíduos morreram entre os muros do Hospital Colônia de Barbacena, considerados “doidos”:

[...] 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças (BRUM, 2013, p. 14).

Durante décadas, milhares de indivíduos — singularmente ignorados — foram internados à força no Colônia, sem diagnóstico de doença mental. Não podemos nos esquecer de que ali esses seres humanos foram torturados, violentados e mortos, sem que ninguém se importasse com seu destino.

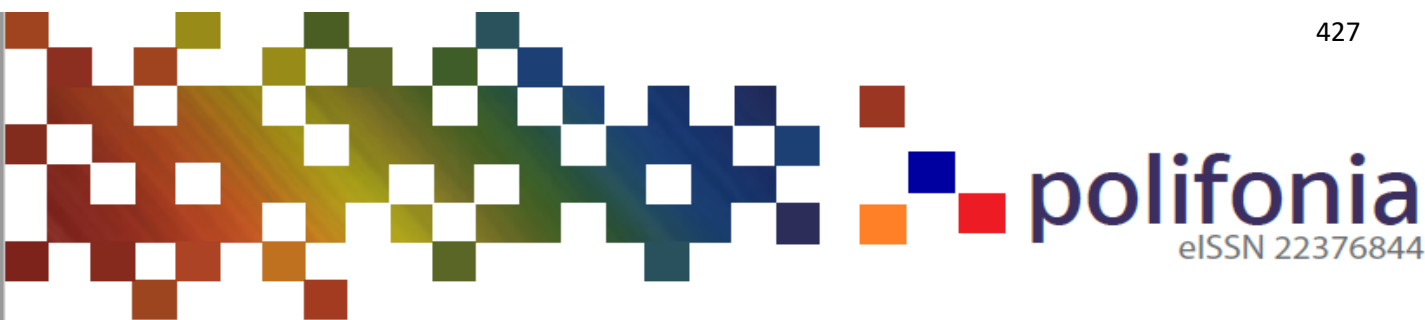
Na história da psiquiatria do Estado brasileiro, Sueli Aparecida Rezende — além de compor o hino do Hospital Colônia de Barbacena — pintou a sua história com cores fortes, devolvendo com violência toda a crueldade que sofreu:

[...] Agiu sem piedade consigo mesma e com os outros. Arrancou orelha de muitos pacientes, Elzinha foi uma de suas vítimas, e se mutilou. Usou grampos para ferir os pulsos, enfiou cabo de vassoura na vagina, arrancou o próprio dente. A cada sessão de choque que tomava, espalhava o mesmo terror que lhe havia sido imposto. O comportamento dela rendeu muita represália. Foi espancada várias vezes, inclusive pelas colegas de pavilhão, e colocada nua na cela, apesar do frio que cortava a pele (ARBEX, 2013, p. 124).

No ano de 1979, o médico psiquiatra Antônio Soares Simone levou Franco Basaglia para conhecer o Hospital Colônia de Barbacena. Basaglia — indivíduo de temperamento expansivo — manteve-se em silêncio durante toda a viagem de volta a Belo Horizonte (MG), onde ministrou um curso de psiquiatria social (ARBEX, 2013).

Terminada conferência, ele fez o seguinte pedido:

— Simone, eu quero que você acione a imprensa.
O prestígio de Basaglia atraiu toda a mídia para o endereço da conferência na avenida João Pinheiro, a cem metros do Palácio da Praça da Liberdade.
— Estive hoje num campo de concentração nazista. Em nenhum lugar do mundo presenciei uma tragédia como essa (ARBEX, 2013, p. 207).



No mundo inteiro, as declarações de Basaglia repercutiram, despertando até o interesse do *New York Times* pela tragédia da loucura do Estado de Minas Gerais (ARBEX, 2013).

3 Análise do canto da Sueli

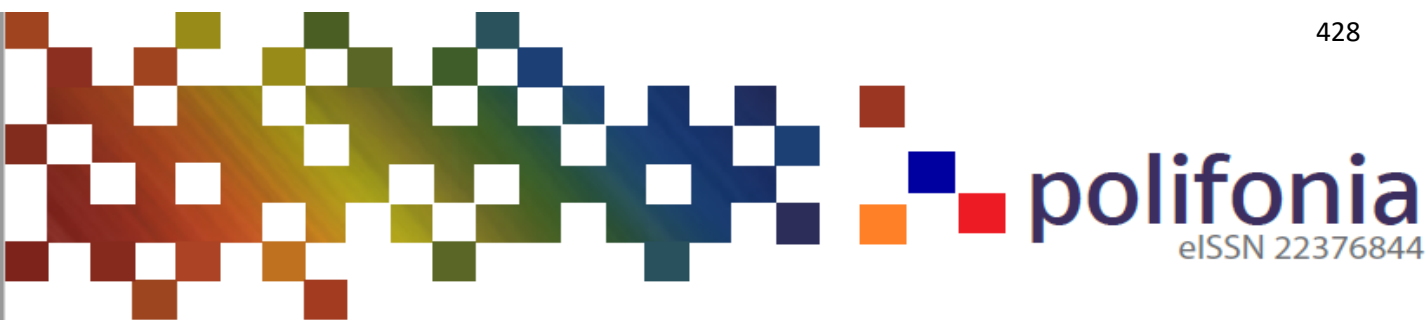
Em sua singularidade humana, em estado de total consciência ou não, Sueli, paciente do Hospital Colônia de Barbacena, produz uma canção, que acaba se tornando um hino frequentemente cantado por outros pacientes do Hospital. É esse nosso corpus de análise que, por ser bastante curto, nós o apresentamos, inicialmente, na íntegra. Posteriormente, analisamos o texto por excertos.

*Ô seu Manoel, tenha compaixão
Tira nós tudo desta prisão
Estamos todos de azulão
Lavando o pátio de pé no chão
Lá vem a boia do pessoal
Arroz cru e feijão sem sal
E mais atrás vem o macarrão*

*Parece cola de colar balão
Depois vem a sobremesa
Banana podre em cima da mesa
E logo atrás vêm as funcionárias
Que são as putas mais ordinárias
(REZENDE, 2013 p. 126, grifos ossos).*

Dividimos a análise do canto da Sueli em quatro (04) excertos. Cada um deles apresentam algum efeito de unidade de sentido e/ou possuem elementos que estabelecem relações relevantes em nossa análise. Além disso, estabelecemos um diálogo entre as diferentes partes do texto, com o todo, na tentativa de encontrar possíveis sentidos do discurso a partir de uma retroalimentação entre coerência local e a coerência global (entre o nível lexical ou oracional e o nível dos significados globais do discurso, respectivamente). Estabelecemos relações entre discurso, cognição e questões sociais, especificamente as que dizem respeito à instituição psiquiátrica. Iniciamos, assim, a análise discursiva crítica.

(01)
*Ô, seu Manoel,
Tira nós tudo dessa prisão*



Dividimos a análise do excerto (01) em três partes. Na primeira, o vocativo *seu Manoel* é interpretado a partir de duas perspectivas. Em primeiro lugar, é elemento pragmático da enunciação, definidor do interlocutor imediato na interação verbal. Segundo Volóchinov (2017), a linguagem é intrinsecamente dialógica. Uma das dimensões do complexo conceito do dialogismo é que a linguagem sempre é orientada para um Outro. Escapa das mãos da locutora quem ouvirá seu canto, que continuará produzindo sentidos diversos, mesmo daqui a séculos. No entanto, pragmaticamente, Sueli define para quem o primeiro exceto (um pedido) é direcionado.

Em segundo lugar, *seu Manoel* é concebido como como um elemento de referência. Tradicionalmente, o vocativo, conforme explica Dias e Zattar (2017), era concebido meramente como uma ferramenta de comunicação¹. Em nossa análise, o vocativo *seu Manoel* é percebido como uma introdução referencial (CAVALCANTE, 2014), isto é, a primeira vez que, no texto, o referente *seu Manoel* é apresentado por Sueli, que o compreende, cognitivamente, como um senhor digno de respeito, com quem Sueli mantém, discursivamente, uma relação de impessoalidade. O pronome de tratamento marca o valor axiológico de respeito. O referente *seu Manoel* é, nesse viés, um objeto de discurso e não um objeto da realidade.

Além disso, *seu Manoel* é conceptualizado como um agente possuidor de um tipo de poder que não está acessível aos pacientes, por exemplo. Há, no Colônia, relações assimétricas de poder. *Seu Manoel* possui, na compreensão da paciente, as chaves da prisão, o poder de libertação. Seja ele um ser superior no Hospital Colônia, seja um gestor com poder de mando ou um ser imaginário, existe a evocação de um Outro capaz de sentir empatia.

No que diz respeito à cognição, percebemos que Sueli processa, compreende e interpreta a situação de prisão vivida como negativa. E há, também, uma postura dissidente à opressão institucional e ao sofrimento humano vividos.

Na segunda parte análise do excerto (01), tanto o item lexical *tudo*, na expressão *tira nós tudo*, como o item lexical *todos*, da expressão *estamos todos de azulão*, têm um

¹ Esses autores criticam esse entendimento do vocativo e o estudam como um elemento da enunciação, à luz da Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2009).

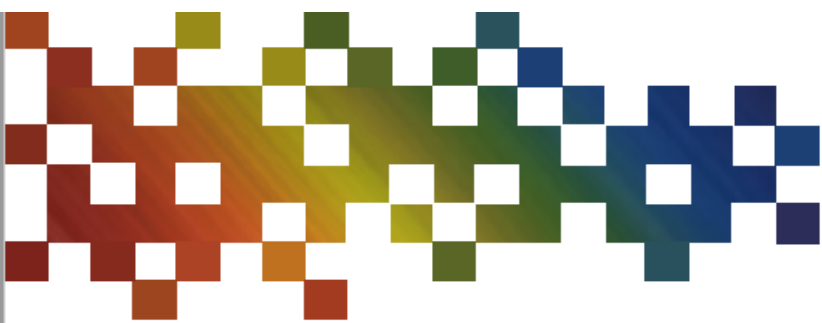


funcionamento textual de operador argumentativo orientado para uma afirmação plena (KOCH, 2011; KOCH E ELIAS, 2016), e um funcionamento discursivo cara para nossa análise. Ao dizer *nós tudo*, e *estamos todos de azulão*, Sueli se posiciona, cognitivamente, como parte de um grupo, revelando uma consciência de classe, um sentimento de pertença ao grupo oprimido que ela deseja libertar. Existe um sentimento e uma atitude de empatia do Eu pelo Outro. Os operadores argumentativos analisados são marcas linguísticas que tecem um discurso (re)produtor de um sentido de solidariedade humana.

Na terceira parte da análise do excerto (01), destacamos a interjeição *ô*, em *ô eu Manoel*, é compreendido no hino como um elemento retórico estratégico. As estratégias discursivas utilizadas já começam antes disso, pela composição do canto, que expressa uma dor humana. A interjeição *ô* é um elemento produtor de coerência local. No âmbito oracional, utilizar *ô* após a frase imperativa *tira nós tudo dessa prisão*, lança um sentido novo para um simples pedido, que, agora, ganha um tom de súplica, expresso na sonoridade melódica: *ô, seu Manoel, tira nós tudo dessa prisão*. Extrapolando o nível de coerência local, a interjeição *ô*, nesse caso, é essencial para a construção da coerência global de um discurso que (re)produz um efeito de sentido pretendido por Sueli: a indignação diante de uma situação de dominação e a tentativa de apelar para que um ser empático traga a libertação. A luta por mudança social no Colônia foi marcada não apenas pelo embate de corpos, como também pelo embate travado com palavras. Passamos à análise do excerto (02) do corpus:

(02)
Estamos todos de azulão
Lavando o pátio de pé no chão

No excerto (02), há uma construção discursiva de denúncia da exploração de mão de obra e em condições degradantes e indignas. *Lavando o pátio de pé no chão*: o gerúndio *lavando* indica ação em processo, processo este constante, não acabado, provavelmente Sueli assistia esse episódio enquanto compunha seu canto. O fato de todos vestirem uniformes indica a perda da espontaneidade dos pacientes. As denúncias continuam no próximo excerto do canto, a seguir:



(03)

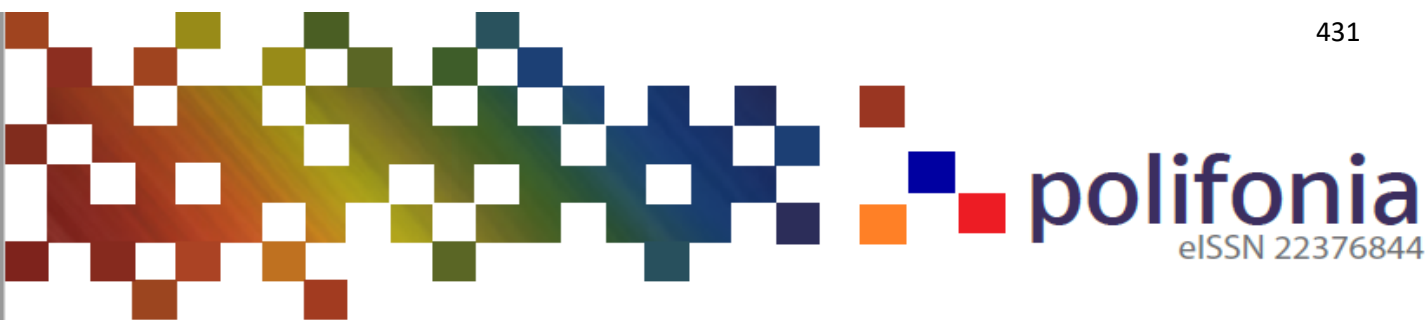
*Lá vem a boia do pessoal
Arroz cru e feijão sem sal:
E mais atrás vem o macarrão
Parece cola de colar balão
Depois vem a sobremesa
Banana podre em cima da mesa*

No excerto (03), Sueli denuncia a indignidade dos alimentos por meio de duas categorias: a ironia e a hipérbole. Na primeira, Sueli constrói um paralelismo de ironia, expressa em três momentos: (a) quando chama a refeição de boia; (b) quando compara o macarrão a cola de colar balão; e, (c) quando chama banana podre de sobremesa. Na segunda categoria (hipérbole), produz-se um exagero pela expressão *arroz cru e feijão sem sal*, visto que, mesmo servindo alimentos de má qualidade, dificilmente o arroz servido estaria completamente cru ou completamente sem sal. Tanto a ironia quanto a hipérbole, no excerto, possuem o seguinte funcionamento discursivo: tecem sentidos negativos da alimentação inadequada, chamando a atenção, destacando-os, conferindo-lhes saliência, retoricamente, por meio do exagero de uma condição inapropriada existente no hospital psiquiátrico. Por fim, passemos à análise do último excerto de nosso corpus.

(04)

*E logo atrás vêm as funcionárias
Que são as putas mais ordinárias*

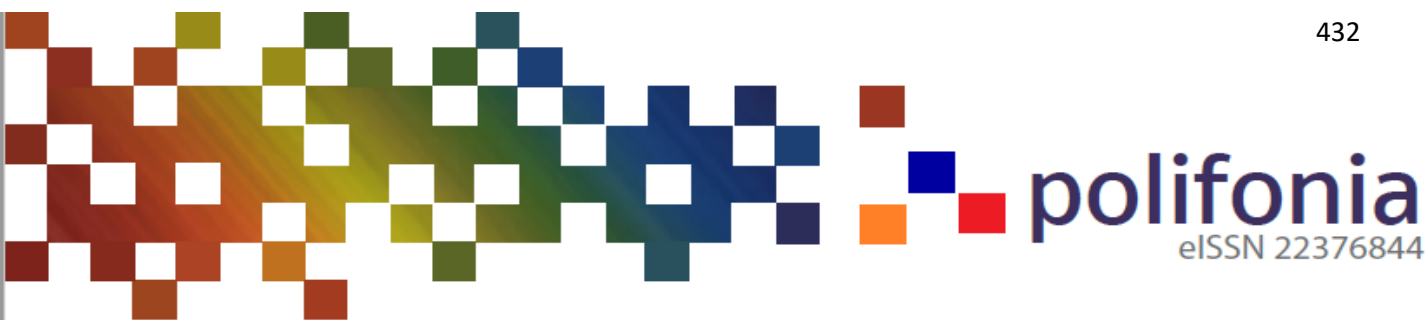
No excerto (04) do hino ocorre, inicialmente, uma introdução referencial, pela expressão *as funcionárias*. Na sequência, esse referente é retomado por meio da expressão referencial anafórica: *as putas mais ordinárias*, que se torna uma anáfora recategorizadora. *As funcionárias*, após surgirem no texto pela primeira vez, são renomeadas, recategorizadas por itens lexicais com valores axiológicos que marcam, neste caso, uma avaliação negativa sobre elas. O xingamento *putas*, seguido pelo adverbio *mais* que modifica o adjetivo *ordinárias*, intensificando o xingamento *as putas mais ordinárias* expressam um tom de ressentimento de Sueli, consequência da indignação diante dos maus tratos sofridos no Hospital.



É importante ressaltarmos que os itens lexicais *as funcionárias* – especialmente por estarem no feminino — remetem à existência, na instituição, de um coletivo específico de mulheres que ali trabalhavam. Nossa interpretação, a partir do estudo da história do Colônia, é de que essas mulheres eram um grupo de enfermeiras. Além das práticas de enfermagem propriamente ditas, essas mulheres também desempenhavam o papel de inspetoras, responsáveis por manter a disciplina e a ordem no hospital psiquiátrico. Ressaltamos, com base em Kirschbaun (1997) que muitas dessas funcionárias (como também outros funcionários do sexo masculino) não possuíam ideal profissional algum, tampouco formação especializada, mas exerciam funções diversas, inclusive de enfermeiras, que aceitavam o trabalho apenas para obter as vantagens financeiras. Certamente, essa falta de um ideal profissional e um compromisso ético influenciavam nas atitudes adotadas no tratamento dos pacientes.

Entre essas *funcionárias*, muitas eram *as Irmãs de Caridade*, ou *Servas dos pobres*, que constituíam um grupo de freiras católicas da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. De acordo com Molognini (2020), apesar dos nomes atribuídos a essas mulheres sugerir compaixão e cuidado com o outro, não era isso o que de fato acontecia. Essas enfermeiras adotavam abordagens duras e cruéis de tratamento, que começavam às cinco horas da manhã, incluindo práticas de eletroconvulsoterapia (eletrochoques). Em um evento, como retrata a autora, as funcionárias empurravam os pacientes para dentro de pavilhões cheios de ratos, fezes, urina e esgoto. Quando interpelada por uma paciente que dizia que não poderia ficar em um ambiente daqueles, as Irmãs, em tom irônico, *davam-lhes as boas-vindas ao inferno*. (MOLOGNONI, 2020). Dona Geralda, uma sobrevivente do holocausto brasileiro, conta como, no hospital as freiras a mantiveram afastada de seu filho, fruto de um estupro cometido por um patrão, que a levou depois da violência, para o Colônia (ARBEX, 2013).

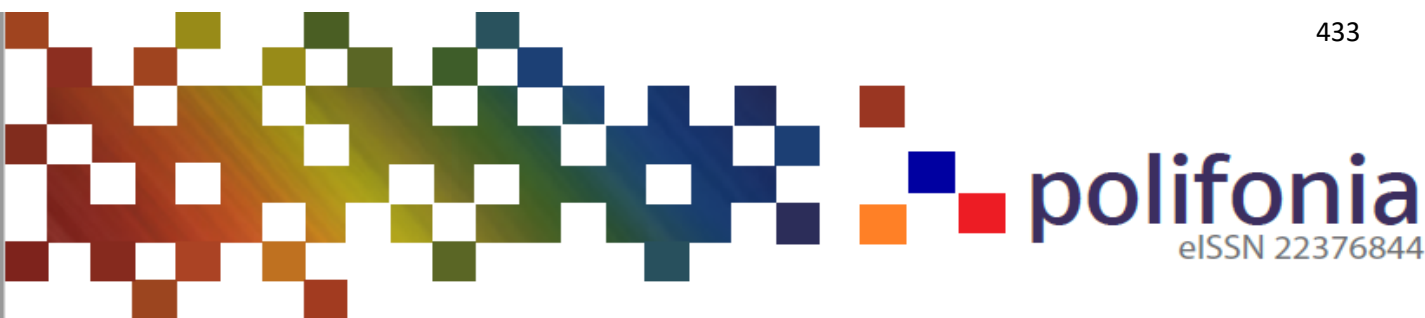
Percebemos uma diferença entre o modo respeitoso com o qual Sueli trata *seu Manoel* e o modo como ela se refere às *putas mais ordinárias*. Essa superfície linguística, em nível local, dialoga com elementos mais globais: os significados globais do hino como um discurso de revolta e denúncia. Uma estrutura social/institucional de opressão é instanciada em elementos linguísticos que tecem o discurso. Seria *seu Manoel*, nesse



contexto, alguém mais generoso do que aquelas enfermeiras, por quem a autora do hino teria, supostamente maior afeição? Acreditamos que as práticas de crueldade praticadas no local onde ocorreu o Holocausto Brasileiro não seriam praticadas sem o consentimento dos superiores da instituição e sem estarem delineadas em um projeto de higiene mental (ou melhor: *higiene social*). As perversidades cometidas contra os pacientes eram operacionalizadas por quem tinha contato direto com eles, logo, essas pessoas foram rejeçadas pela compositora, quem poderia não conseguir processar cognitivamente, mecanismos de poder e a responsabilidade de *seu Manoel* nas práticas de crueldade. Se ele era um agente que poder libertar as pessoas daquela prisão, ele tinha poder de mando, tendo assim responsabilidade pelos atos cometidos ali. A partir da noção de poder em Foucault (2006), inferimos que quando o poder esconde sua face ou o modo como ele opera, torna-se, assim, ainda mais sutil, ardiloso e perigoso.

Os temas do hino vão progredindo de forma a construir um discurso estruturalmente coerente e coeso, sinalizando que Sueli se encontrava em uma condição cognitiva capaz de compreender o panorama que a cercava. Sueli consegue, por meio de conectivos, estabelecer três elementos na tessitura discursiva, a saber: coesão, progressão temática e uma sequência lógico-temporal de alguns acontecimentos retratados no canto: *Lá vem a boia [...]; Primeiro o arroz [...]; E mais atrás o macarrão [...]; Depois a sobremesa [...], e logo atrás as funcionárias [...]*”.

Existe um padrão temático descritivo da alimentação que é quebrado com *as putas mais ordinárias*, que entram em cena, no discurso dissidente de Sueli, não mais como categoria alimentar, mas como categoria de inspeção, vigilância e punição. As Irmãs de Caridade chegam *logo atrás* (compreendemos como *imediatamente* na sequência dos outros acontecimentos) para fiscalizar e punir os maus comportamentos (como era comum a prática de eletrochoques que iniciavam às tenebrosas cinco da manhã). A partir de Foucault (2002), percebemos que estava em operação um dispositivo de poder, ou seja, uma tecnologia para exercer controle/dominação sobre corpos alheios. As práticas disciplinadoras de um biopoder, que foram instrumentalizadas e operacionalizadas no Colônia são prototípicas de silenciamento de vozes e da repressão e adestramento de corpos.



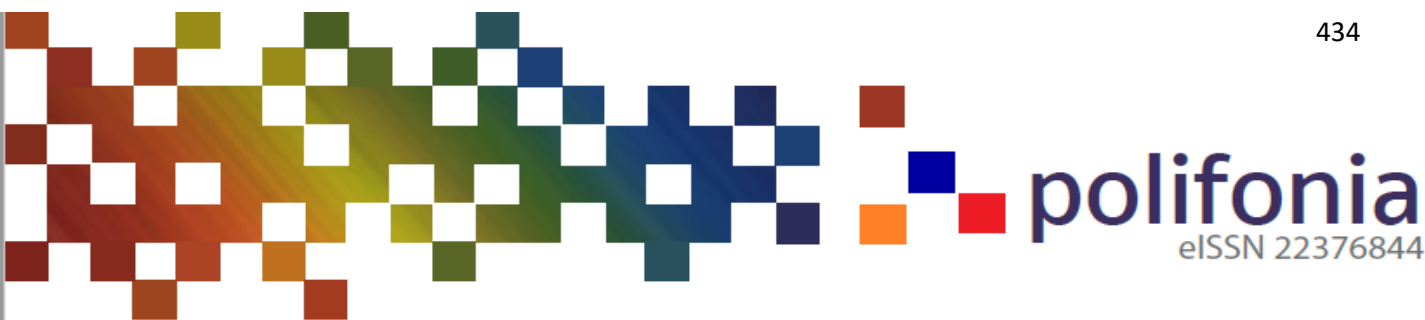
Todas as dimensões de nossa análise mostram que atrocidades e práticas de desumanização foram cometidas em Barbacena. Esse poder institucional criou sujeitos subalternizados e humilhados. Por outro lado, o texto também revela a autonomia de um Sueli, que não era apenas interpelada e assujeitada, mas que também possuía poder, expresso na forma de dissidência, na forma de um contrapoder. Apesar de ter havido assimetrias e abusos que saltam aos nossos olhos, poder e contrapoder andavam *paripassu* no Hospital Colônia de Barbacena. A resistência, empreendida, de forma melódica, por Sueli Rezende, suscitou na geração pós holocausto brasileiro, atitudes responsivas (VOLÓCHINOV, 2017) de diversos interlocutores, como nós, neste artigo. *O canto da Sueli* continua e continuará a produzir suas ressonâncias dialógicas na história da humanidade. Sueli não é apenas uma só. Ela representa muitas outras Suelis. Ela, em uma cadeia dialógica produzida pelo discurso, dialoga e reafirma todas as vozes da resistência.

Considerações finais

Buscamos, neste artigo, analisar o modo como a dissidência se faz presente no canto da Sueli, uma paciente do Hospital Colônia de Barbacena (MG), à luz dos Estudos Críticos do Discurso – ECD, perspectiva de análise discursiva textualmente orientada, que se interessa em investigar tanto a (re)produção de abuso de poder como posturas dissidentes materializadas no/pelo discurso.

No século XX, o que se praticou no Colônia — “instituição da violência” (BASAGLIA, 1985, p. 99) — foi um genocídio, que culminou na morte de 60 mil pessoas humanas: um holocausto do Estado, com a conivência da Igreja Católica, médicos psiquiatras, enfermeiros, irmãs de caridade (REZENDE, 2013, p. 126) — e da sociedade contemporânea (ARBEX, 2013). Historicamente, a psiquiatria — desde o seu nascimento — revelou-se uma técnica altamente repressiva, que o Estado sempre usou para oprimir os doentes pobres: a classe operária que não produz (BASAGLIA, 1985).

No caso concreto, cumpre-nos dizer — em zelo pela honestidade intelectual — que o Estado de Minas Gerais — apesar de ter produzido a maior tragédia da loucura, por meio do Hospital Colônia de Barbacena — acolheu as primeiras manifestações em favor



da reforma psiquiátrica: “[...] a luta pela mudança de paradigma na saúde mental, deflagrada oficialmente em 1979, contou com a ajuda de insurgentes [...]” (ARBEX, 2013, p. 203). No século XXI, a nossa palavra — escrita numa atitude de repúdio e denúncia — põe-se contra essa sociedade que destrói a pessoa humana concreta, singularmente ignorada, matando-a, por não ter meios de defender-se. Na verdade, vivemos em uma sociedade da violência — higienista — e estamos dentro desse manicômio; estamos internados e lutamos pela libertação, com as palavras. Não podemos esperar os libertadores, porque se os esperarmos seremos mais uma vez aprisionados e mais uma vez oprimidos (BASAGLIA, 1982).

Nossos dados revelam a construção de um discurso de denúncia e resistência contra as crueldades praticadas contra os pacientes do Colônia. Elementos como expressões referenciais, operadores argumentativos, conectivos e elementos retóricos possuem um funcionamento textual em nível local (oracional) e em nível global (dos significados globais do canto), estabelecendo relações dialógicas entre discurso, cognição e sociedade.

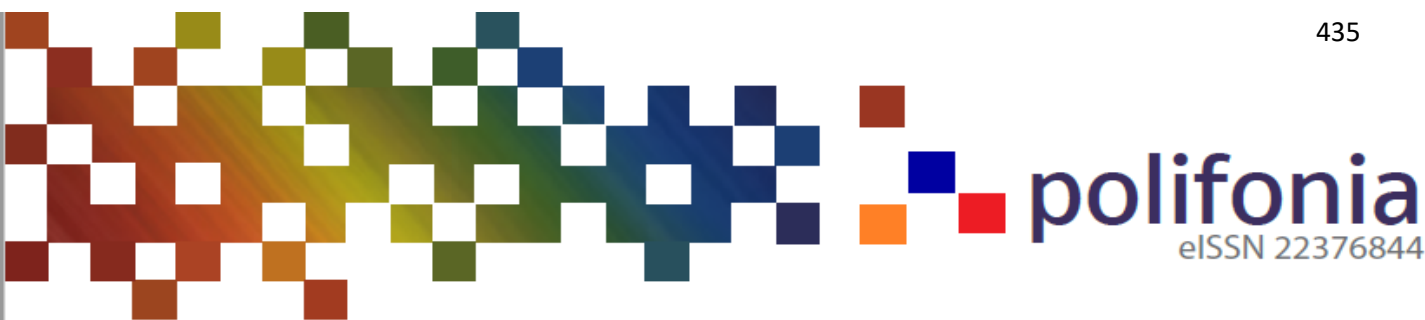
Nos cantares de Sueli Aparecida Rezende, identificamos que ela é pega por um cantar que canta não apenas a própria dor, mas a dor de tantos outros (as), perpassada humanamente no passado-presente-futuro. Singularmente, ela se torna um símbolo de lutas de resistência, travadas por tantas outras Suelis, que, mesmo aprisionadas em circunstâncias concretas institucionalizadas, perseguem sonhos de liberdade e de clamor por justiça social.

Referências

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. *In*: CALVACANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração, 2013.

ASSIS, M. de. **O Alienista**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.



BARRETO, L. **Diário do Hospício: o cemitério dos vivos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BASAGLIA, F. **Psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática.** Trad. Sonia Soianesi e Maria Celeste Marcondes. São Paulo: Brasil Debates, 1982.

BASAGLIA, F. **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico.** Trad. Heloisa Jahn. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BEZERRA, E. **A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BRUM, E. Prefácio: os loucos somos nós. In: _____. ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil.** São Paulo: Geração, 2013.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2014.

DIAS, L.F.; ZATTAR, N. B. S. O funcionamento do vocativo: uma abordagem da enunciação. Domínios de **Lingu@gem**, v. 11, p. 1136-1151, 2017.

DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Rev. Téc. Trad. GUIMARÃES, E. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979/2008).** São Paulo: Martins Fontes.

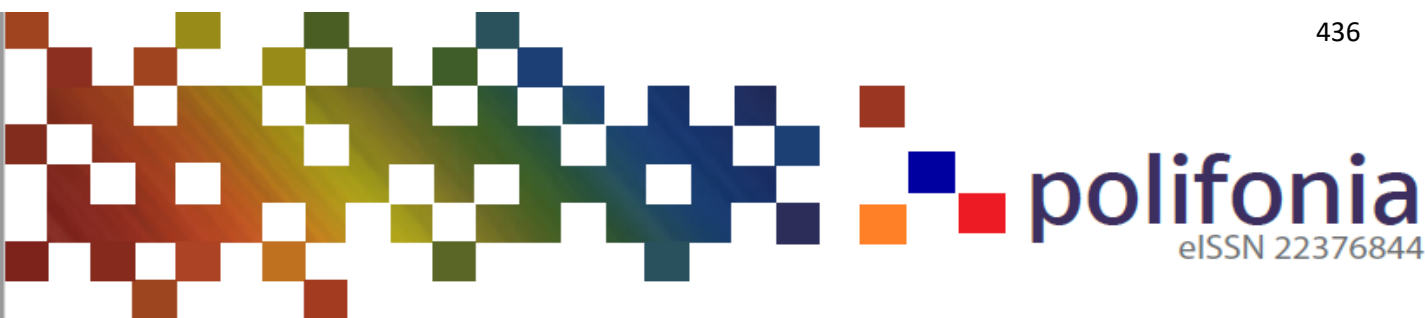
FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder.** Organização e Tradução, Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 22 ed. 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História da Violência Nas Prisões.** Tradução de Raquel Ramallete; Petrópoles, Editora Vozes. 26 ed. 2002.

KIRSCHBAUN, D. I. R. Análise histórica das práticas de enfermagem no campo da assistência psiquiátrica no Brasil, no período compreendido entre as décadas de 20 e 50. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. spe, p. 19-30, May 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691997000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 de jun. de 2020.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto.** - 6.ed. - São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem.** São Paulo: Cortez, 2011.



KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016, 240 p.

LOMBROSO, C. **O homem delinquente**. Trad. Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2016 (Coleção Fundamentos de Direito).

MENDES, E. S. **O Estado em Edith Stein**: uma reflexão onto-teológico-política da “comunidade estatal” na contemporaneidade. 2020. 614 f. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro (RJ).

MOLOGNONI, A. **Trem de doido**. São Paulo: Cartola, 2020.

REZENDE, S. Ô seu Manoel, tenha compaixão. In: _____. ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração, 2013.

ROSA, J. G. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROTTERDAM, E. de. **Elogio da Loucura**. Trad. Paulo M. de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2015.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHAKESPEARE, W. **A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

STEIN, E. **Essere finito e essere eterno**: per una elevazione al senso dell'essere. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. 2. ed., 4ª reimpressão. SP: Contexto, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017.